

Uma Nota Breve Sobre a Importância do Traje na Festa da Bugiada e Mouriscada e os Ritmos Sociais na Comunidade

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.73.18>

Bekia Vasconcelos Motta

Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga, Portugal
<https://orcid.org/0000-0001-9897-2534>
pg37354@alunos.uminho.pt

Emília Araújo

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais,
Universidade do Minho, Braga, Portugal
<https://orcid.org/0000-0003-3600-3310>
era@ics.uminho.pt

Resumo

Tal como afirma Balandier (1980/1999), a festa assinala a “exploração espetacular duma subversão radical onde tudo serve para exprimir: o corpo, os enfeites, o vestuário, os modos, e os símbolos incongruentes ou chocantes” (p. 110). Assim, e considerando a “função” da festa na comunidade, percebe-se que todos os elementos que a fazem acontecer (como a indispensável indumentária) tenham uma natureza alquímica e integrem, ao detalhe, uma arquitetura precisa de ações e de sequências que ditam os lugares a ocupar por cada pessoa, na temporalidade da festa. Esta comunicação descreve de forma muito breve os trajes usados por dois grupos que protagonizam a Festa da Bugiada e Mouriscada, Festa de São João de Sobrado, concelho de Valongo, no norte de Portugal: os bugios e os mouriscos. Pretende-se demonstrar a importância que aqueles têm no tempo e no ritmo da comunidade e da Festa da Bugiada e Mouriscada, de Sobrado. Com base na pesquisa documental e também em entrevistas realizadas a habitantes de Sobrado no âmbito do projeto *FESTIVITY – Festa, Património Cultural e Sustentabilidade Comunitária. Investigação e Comunicação*

no *Caso da Bugiada e Mouriscada de Sobrado*, demonstramos que a indumentária da festa reflete o envolvimento da comunidade na sua produção e que há sinais de várias transformações nos figurinos que acompanham a história da festa que, não alterando a relação da comunidade com a festa, indicam a riqueza patrimonial do traje, para uma leitura da história da festa, na comunidade.

Palavras-Chave

festa, figurino, tempo, identidade, gênero

Introdução

Todos os anos, no dia 24 de junho, na vila de Sobrado, em Valongo, ocorre a Festa de São João, conhecida também por Bugiada e Mouriscada. Esta manifestação popular antiga e tradicional é parte que constitui a história e a identidade cultural desta comunidade. Destaca-se pela peculiaridade de seus rituais e pela riqueza contida nos detalhes complexos de ordem simbólica, nas danças, nas músicas e na indumentária. A narrativa de São João de Sobrado decorre da lenda que encena a luta entre os exércitos mouros e cristãos pela imagem milagrosa de São João. Trata-se de uma representação teatral que remete para o tempo em que os muçulmanos ocuparam parte da Península Ibérica. Esta festividade integra a antiga tradição europeia designada por “festas ou danças dos mouros e cristãos”, podendo ter seu início estimado por volta do século XVIII.

Esta festa é conhecida pela exuberância e singularidade, quando comparada com outras festividades alusivas a São João. Isto porque integra um conjunto diverso de cenas em que participam personagens distintas e que seguem narrativas, também elas diversificadas, de vários momentos da mesma festa que desenrola a narrativa da luta. Fala-se na indumentária por sua exuberância, e em sua capacidade de constituir a festa, tornando-a vibrante e dinâmica. Mas, enquanto fenômeno social total, a indumentária é muito mais do que o que as personagens vestem e/ou como se apresentam e representam perante os outros no tempo e espaço da festa.

As festividades são espaços-tempos criativos, liminares, que correspondem a momentos de celebração que se definem pela sua legitimidade em imporem e criarem a partir da desordem e da inversão. Demonstraremos, de forma breve, que a indumentária é um elemento material essencial à existência, à celebração da festa, ao instituir e consagrar as fronteiras entre quem pertence ou não à festa e quem participa ou não dela em determinados momentos. Exploraremos, também, a ideia de que a indumentária reflete formas diferentes de solidariedade entre os membros da comunidade de Sobrado que participam de diversas formas e em momentos distintos na produção da festividade, no dia 24 de junho. Finalmente, propomos a compreensão da festa enquanto conjunto articulado de rituais.

O Papel do Traje no Tempo da Festividade

Os trajes são eminentemente bens simbólicos através dos quais se expressam identidades, se processam distinções e se configuram os rituais. Merlo (2016) explicita, neste sentido, que:

os trajes são pensados, portanto, como meios de se posicionar em uma sociedade abrangente e desigual. E também como elementos da atualidade que se inserem na tradição, sobretudo ao refletirem modos de ser, pensar, sentir, fazer. Que ainda, podemos entender como os trajes populares, dentro de manifestações que recriam identidades de grupos minoritários, assimilam novos elementos desde a sua composição até suas constantes reinvenções. (p. 60)

O termo “traje” é utilizado para referir-se às roupas incomuns com múltiplas funções práticas, necessárias para a construção dentro e fora do espetáculo, tendo um papel de relevo na performance, ao refletirem o caráter das personagens no espaço de visibilidade pública. Por este motivo, são elementos de comunicação indispensáveis para quem os veste, como para quem os apreende, situando o tempo e o espaço das ações que constituem o ritual festivo (Embry, 2018).

O termo “indumentária” será usado no texto de forma bastante intercambiável com o termo “traje”. Todavia, existem diferenças muito relevantes entre ambos, tal como explica Patricia Stefani, a partir de Barthes (2005, como citado em Stefani, 2005):

Barthes (2005, p. 268-269) propôs uma divisão da estrutura do vestuário. Para o autor, indumentária corresponde à língua em Saussure: uma realidade institucional, social, independente do indivíduo, da qual ele extrai o que vai vestir. Já o traje seria a fala em Saussure, pois é uma realidade individual, é o ato de “vestir-se”, pelo qual o indivíduo atualiza em si a instituição geral da indumentária. Indumentária e traje constituem um todo genérico, o qual é denominado “vestuário”, a linguagem de Saussure. (...) A relação entre traje e indumentária é uma relação semântica: a significação do vestuário cresce à medida que se passa do traje à indumentária; o traje é debilmente significativo, exprime mais do que notifica; a indumentária, ao contrário, é fortemente significante, constitui uma relação intelectual, notificadora, entre o usuário e seu grupo. (p. 70)

Assim, o traje é um destes elementos materiais fundamentais para fazer acontecer a virtualidade inscrita nas várias fases, tanto das temporalidades performativas, como das temporalidades marginais, mas necessárias à primeira (tempo das paragens, intervalos). Tal como propõe Linke (2013):

portanto, o traje é o processo em que o indivíduo se apropria da indumentária, ou da moda, essa apropriação pode ser breve ou permanecer por um longo tempo. Quando permanece, o traje passa a ser visto como um conjunto de símbolos de uma comunidade, ou seja, algo tradicional para o cotidiano de um povo. Além da sua natureza semiótica, por subsumir os códigos que sinalizam as características inerentes às personagens em cena, o traje é o elo de

significação entre as personagens e a narrativa da festa, o elemento material que legitima a adoção dos papéis e a legitimidade para assumir os lugares na festa. Sem traje, não há performance e o ritual não realiza o seu desígnio. (p. 8)

Diferentemente da roupa que segue moda/tendências cíclicas, os trajes que investem as personagens da festa popular são eles mesmos instituições nas quais residem memórias e aspirações e nas quais se refletem histórias biográficas, sonhos e paixões (Barnard, 2002/2003; Baldini, 2005/2006). São, por isso, fontes de sentido e objeto de experiências sensoriais, inscritas pelos corpos que os vestem e as vidas a que assistem passar. Afinal, e sob o controlo da tradição que vai ditando o código de regras sobre os figurinos e os modos, os espaços e os tempos de uso, a indumentária torna-se objeto da apropriação coletiva testada pelo tempo. Quando permanente e incorporada na comunidade, passa a ser uma extensão da identidade cultural desta mesma comunidade, capaz de se contar através da narrativa da indumentária usada na festa.

Existe diversa literatura que analisa o traje e a sua relevância nos ritmos das comunidades e nos ritmos da festa em si (Merlo, 2016; Turner, 1982, 1986). Investindo o sujeito ao desempenho de um papel na festa – outro além do normal, a indumentária (a “farda”) é um elemento que compõe ou faz falta à temporalidade da festa, à sua ritualidade e à performance que a define no tempo e no espaço. Reflete também a temporalidade da comunidade e o seu envolvimento na produção da festa, ao longo dos anos e durante o ciclo anual: participar na festa implica ter um traje e este exige escolha de tecidos, confeção e prova e tratamento.

Exige igualmente dispêndio económico e, por isso, a indumentária marca também posições sociais, reflete a estrutura de posições sociais na estrutura e na temporalidade da festa: o acesso à indumentária implica manusear capitais que estão desigualmente distribuídos na comunidade. Estudos de vários autores demonstram o poder simbólico da indumentária e a sua natureza organizadora na temporalidade da festa e da comunidade (Merlo, 2016). Também demonstram cada vez mais alguma plasticidade que é necessária emprestar à definição da indumentária, de modo que esta englobe, segundo os mesmos pressupostos que definimos antes, tanto as vestes/trajes formais, mais caros e finos, como o vestuário usado na caracterização das personagens protagonistas das restantes cenas que uma festa pode conter e que pode ser mais barato e descoordenado, como acontece com a festa que estudamos.

Este texto tem como finalidade mostrar as principais características da indumentária usada na festividade da Bugiada e Mouriscada, explicitando o processo de criação da indumentária como central na estruturação do ritmo, que anula e determina os espaços e tempos de entrada ou saída da festividade. Neste texto, vamos entender que a “farda” tem uma função manifesta incontornável que é simbólica, posicionando os atores nos seus papéis; e uma função latente, que respeita à ordenação dos lugares sociais (pois há distinções entre fardas, de acordo com o poder económico de cada um/a) e à distinção social entre atores e/ou grupos.

Método

Por não se ter conhecimento até o momento de documentação sólida ao que se refere à indumentária da festa, este texto utiliza os relatos dos residentes de Sobrado, fotografias, assim como artigos e livros que documentam a Festa da Bugiada, presumindo o acompanhamento do processo de evolução destes figurinos até os dias de hoje. Foram analisadas entrevistas realizadas sobre a história, o conhecimento e a participação na festa, assim como outros materiais recolhidos pelas autoras do estudo durante 2019–2021 e que implicou a visualização da festa (junho de 2019) e a recolha de fotografias em vários locais de Sobrado, mormente na Casa do Bugio e do Mourisqueiro e no ateliê de costura.

O Tempo da Comunidade e a Indumentária

De acordo com Pinto (2013) “a festa da Bugiada e Mouriscada exprime a identidade dos sobradenses e, ao acontecer, refaz e atualiza essa mesma identidade” (p. 8). A indumentária é um dos elementos centrais neste processo. Para entendermos a função e o lugar que ocupa a indumentária na Festa da Bugiada, precisamos assumir a forte relação da comunidade com a festa e, portanto, o esmero no resguardo e na reprodução da singularidade da indumentária, ao longo dos tempos.

Condição de Acesso ao Ritual

Para começar, e de forma breve, importa entender que a indumentária (ou “farda”, como é comumente designada) é o passaporte mais importante para aceder à festa, ou aos, já assinalados, lugares na festa. Tempos houve em que este acesso era limitado a muitos que não reuniam condições económicas para confeccionar e ter um traje próprio. Mas, além do acesso à presença efetiva na festa, a indumentária surge narrada pelos sobradenses como um passaporte nos tempos idos para poder “comer qualquer coisa” no dia da festa – o dia em que há mais comida. Numa entrevista é-nos contando que:

é uma coisa nossa e toda a gente gosta de defender o que é nosso. Eu acho que quem, há anos atrás, vivia isto, gostava disto como nós gostamos agora. Na altura, eram menos, a freguesia tinha menos população, as posses para arranjar a roupa eram muito mais difíceis de conseguir. Eu lembro-me do meu padrinho contar que o pai dele ia a outro local alugar uma farda para ele ir de bugio e nem toda a gente tinha fundo de maneio para subsistir na mesa, quanto mais para ir buscar roupas para ir de bugio e, se calhar, muitos arranjavam as chamadas “comedeiras” que eram as roupas antigas e mais fraquinhas e se calhar naquele dia até era uma maneira de ir comer qualquer coisa. Eu cheguei a ouvir que havia aí uma família em que a farda era vestida por três, porque um ia lá e comia e a seguir ia o outro e também comia e, se calhar, na altura, era uma forma de comer qualquer coisinha. Nessa altura, as comissões de festas, quase sempre era (composta por) um lavrador, o juiz, isto era uma terra de lavoura, e ele matava gado para fazer o almoço da Bugiada, portanto,

era um luxo ir comer carne a casa do lavrador porque, na altura, eu comecei a ir de bugio e ainda me lembro de ir para aí com 100 bugios. (Entrevista, 2018)

Sistema de Regras

Quem tem hoje mais idade na comunidade já ouvia e via os seus avós sobre os modos de “fazer” os trajes e de usá-los. No tempo da festa, o uso do traje é atravessado por um sistema de regras que dita o que pode ou não ser feito, o que deve e visto e onde. Uma vez trajado/a para participar como protagonista na festa, há que respeitar os códigos de apresentação e de uso do traje, de forma a desempenhar eficazmente o papel, que reflete quem está dentro ou fora da festa, como demonstra o seguinte excerto da entrevista.

E, então, em 1992, quando fiz essa farda nova, a outra farda antiga, que era a que o meu pai levava e que dei um arranjo e era a que eu levava, um sobrinho pediu-me para ir de tarde com ela: “oh tio, deixava-me ir de tarde com a outra farda?”, e eu fui e disse: “fica só avisado de uma coisa: se eu te vir em Campelo sem careta vens a casa tirar a roupa!”. O meu filho com 5 anos foi à Prisão do Velho e, nesse ano, começou a cair um orvalho depois da prisão e eu disse para a minha mulher para os levar a casa que era escusado estragar a roupa. A roupa até era de outra pessoa mas, mesmo que não fosse, era igual: estava a estragar a roupa. E o padrinho veio com ele e queria tirar-lhe a máscara e ele disse-lhe: “não tiras a careta, o pai disse que só se tira a máscara quando se chegar a casa”. (Entrevista, 2018)

O Traje na Preparação da Festa

Como vimos acima, no primeiro excerto, o uso dos trajes exige o dispêndio de dinheiro, quer sejam comprados, quer sejam alugados. E, em tempos passados, muitas pessoas não tinham desafogo económico compatível com esses gastos. Hoje em dia, o frenesim para a compra do traje é mais intenso, até porque a festa se abriu a pessoas que vêm de outras localidades. Mesmo assim, a indumentária da Festa da Bugiada e Mouriscada, como de resto de todas as outras festas que celebram e marcam o tempo da comunidade, é um conetor social de supra importância porque supõe interdependência entre as pessoas e envolve-as em sucessivas ações de preparação e de produção. É certo que em momentos históricos anteriores a confeção dos trajes estava mais dispersa na comunidade, com várias pessoas a poderem confeccionar os trajes, mas ainda hoje se demonstra que estes tempos de preparação continuam a ser estruturantes no tempo de preparação da festa, tanto em termos coletivos, como individuais. A escolha dos tecidos, dos padrões e cores mais acertados, assim como a confeção personalizada, constituem ações de uma sequência temporal que dá forma à festa: o tempo da indumentária traduz-se, em simultâneo, em tempo da comunidade e tempo da festa.

Estes processos exigem organização e muita dedicação e um planeamento bem estruturado, meses antes da festa. Na Figura 1, podemos observar algumas das etapas deste processo.



No ateliê de uma das pessoas mais conhecidas na confecção dos trajes da festa, observamos que se trata de um saber fazer que se urde no tempo histórico e cultural da comunidade e que resulta num “ofício” que se cultiva entre gerações e que vai evoluindo ou reconfigurando-se, conforme a passagem dos anos. Não é “ofício” de uma pessoa só. Mobiliza várias outras, à medida das atividades e tarefas que há que cumprir: desde o traço sobre os modelos, até às inúmeras variações e singularidades que cada pessoa participante na festa pode pedir. Com efeito, outras opções de serviços e produtos

Figura 1
Ateliê dos trajes da Bugiada e Mouriscada.
Créditos. Bekia Motta

também são oferecidas; com o aumento da procura pelos trajes da festa, acessórios, máscaras e souvenirs, passaram a acompanhar o ritmo da produção dos trajes.

Continuidade e Mudança

Se o linho conferiu durante muito tempo o tom mais claro e monótono dos trajes, nas décadas mais recentes, o recurso a tecidos muito diversos ofereceu a possibilidade de esculpir no traje traços pessoais, dotando os corpos que se vestem de singularidade – a que é permitida pelo enquadramento mais vasto, tacitamente conhecido e partilhado pela comunidade, incluindo por quem faz os trajes. Há que ter tempo para pensar o traje, pensar-se a si na festa. Há que ter possibilidade de visionar o traje sobre o corpo que adorna e que investe de poder de entrada e permanência legítima na festa. É necessário pensar no tempo futuro da festa, absorvido pela memória, refletido nas fotos e nos registos de vídeo que herdaram dos outros, de fora e das gerações seguintes através de histórias que irão ser contadas de quem esteve na festa.

A diferença é mesmo a evolução que temos sentido a todos os níveis, mas tenta-se manter sempre a tradição. Aquilo que eu falei das cobras e das marotices, mas eram outros tempos. Agora, é uma Bugiada muito mais numerosa e isso é que distorce um bocadinho. Nós corríamos muito menos quilómetros do que agora. Agora, para dar uma volta, temos que dar uns quilómetros só para virar a Bugiada. Acaba por mostrar mais a quem está a ver, mas é mais difícil. É difícil, é 10 vezes mais cansativo do que era antigamente. Faziam-se danças mais curtas, de outra beleza, mas não em termos de roupa. Antigamente, eram muito mais pobres. Agora as roupas são qualquer coisa fora do comum, aquela riqueza toda das roupas, todas a brilhar. Pronto. (Entrevista, 2018)

Certo é a impossibilidade de o traje não comunicar o que efetivamente se faz e refaz no presente, revestindo-o de solenidade suficiente para que demonstre a “paixão” e o sentimento de pertença na comunidade e transmita para os visitantes da festa os símbolos identitários desta tradição.

Os Trajes da Bugiada e Mouriscada

Mouriscada

Com traje de tipo militar, os mourisqueiros “apresentam-se de cara descoberta, de aspecto aprumado, formam duas filas paralelas, aos pares, e são comandados pelo seu Rei, o Reimoeiro” (Câmara Municipal de Valongo, 2016, p. 6). A formação deste exército de jovens que, por tradição, é composto somente por solteiros, não passa das 3 dezenas. Destacam-se pela performance que prima pela ordem e disciplina.

Liderados pelo Reimoeiro, os pares de mouriscos ocupam os seguintes postos: dois guias, dois meios e dois rabos. Independentemente de suas posições, os trajes não se distinguem dos restantes, porém é obrigatório que os pares correspondam aos padrões das riscas (Figura 2 e Figura 3).



Toda a simbologia em torno da personalidade do exército mouro é transmitida no seu figurino, tendo como destaque o corte que marca a silhueta “rígida”, que auxilia os integrantes do grupo a manterem a postura firme e contida ao longo de toda a apresentação. Como refere Coelho (2018), “o imperativo disciplinar impõe uma moldagem do corpo e do espírito, contextos nos quais o uniforme desempenha um papel essencial, em termos da educação e do controle da força individual do soldado” (p. 201).

Quanto aos aspetos temporais, conta quem vive em Sobrado que todos os elementos que compõem os trajes dos mourisqueiros são mantidos até os dias de hoje, com o pormenor de que no início do século XX os trajes eram confeccionados em linho. Este tecido era tradicionalmente do exército mouro, época em que não se utilizava a prática do tingimento, motivo pelo qual os trajes tinham a cor original do tecido.

Figura 2
Ilustrações reimeiro e mourisco.
Créditos. Bekia Motta.

Como os descrevera Gallop sobre o São João de Sobrado em 1932 (como citado em Associação São João de Sobrado, s.d.):

traziam na cabeça barretinas de cartão de cerca de 30 centímetros de altura, das quais pediam pequenos espelhos, galões dourados e encimados por plumas vermelhas. Organizados em duas linhas compridas, de rostos graves e sérios, dançavam nos seus lugares, enquanto o seu rei, que se distinguiu pelo uso de correntes douradas e dragonas saltava de uma ponta para a outra linha, dançando à vez com cada um dos pares dos seus homens. (para. 4)

O colorido que hoje vemos nos padrões às riscas, em tecido sintético, deriva das evoluções que ocorreram no mercado têxtil. Esta modificação caiu no gosto de sobradenses que adotaram esta nova identidade visual como uma “marca” dos mourisqueiros (Figura 4 e Figura 5).

Os reis mouros costumam imprimir muito de sua personalidade e gostos pessoais ao longo do processo de criação dos trajes, que leva aproximadamente 1 ano para ser concluído. Com frequência, o passado é revisitado e utilizado como inspiração criativa, mas sempre dentro da tradição é possível personalizar detalhes nos trajes que mais agradem o reimoeiro do ano.

Os tecidos nobres utilizados imprimem riqueza e poder, como o veludo usado nas bandas (faixas que cruzam o dorso dos mouriscos). A mesma intenção está presente nos acabamentos em dourado, desde as barretinas, “objecto cilíndrico que os

"Liderados pelo Reimoeiro, os pares de mouriscos ocupam os seguintes postos: dois guias, dois meios e dois rabos"

*Bekia Motta e
Emília Araújo*



Figura 3
Os pares do exército mouro.
Créditos. Luís António Santos (2017).



Figura 4
Mourisqueiros.
Créditos. Alberto
Fernandes.



Figura 5
Reimoeiro.
Créditos. Alberto
Fernandes.

"O colorido que hoje vemos nos padrões às riscas, em tecido sintético, deriva das evoluções que ocorreram no mercado têxtil"

*Bekia Motta e
Emília Araújo*

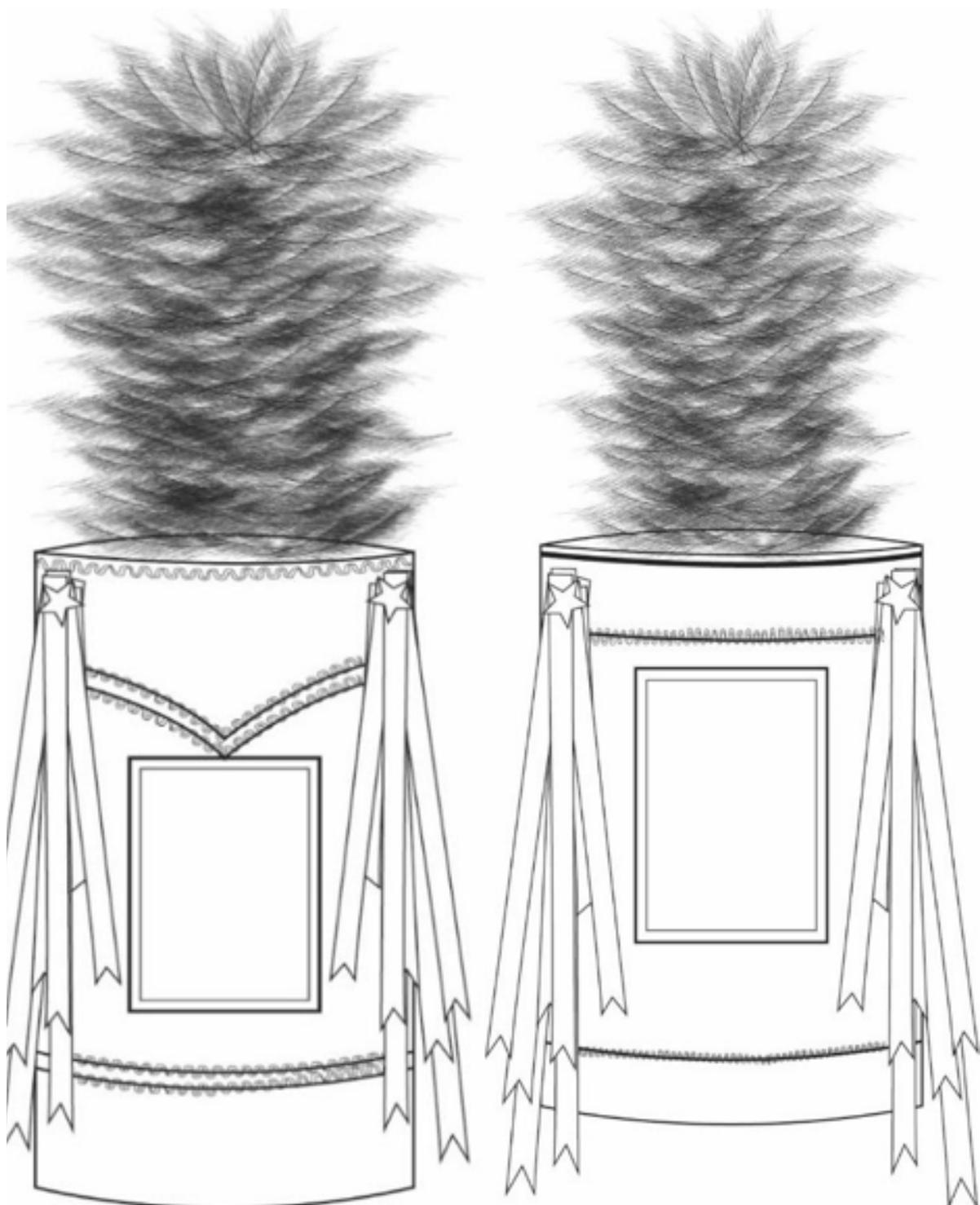


Figura 6
Barretinas.
Créditos. Bekia Motta

Mourisqueiros usam na cabeça, decorado em fitas e com espelhos e encimado de plumas” (Pinto, 2014, p. 1), as dragonas (somente no traje do rei são utilizadas), as franjas e as longas correntes que vão por cima das bandas (antigamente eram correntes em ouro, hoje são de bijuteria, alusivas àquele tempo). Elementos que comunicam simbolicamente um exército bem-sucedido, com poder perante seus inimigos (Figura 6, Figura 7 e Figura 8).



Figura 7
Dragonas.
Créditos. Alberto
Fernandes.



Figura 8
Barretinas.
Créditos. Alberto
Fernandes.

"Elementos que comunicam simbolicamente um exército bem-sucedido, com poder perante seus inimigos"

*Bekia Motta e
Emília Araújo*

À estética das barretinas da Festa da Bugiada e Mouriscada, assim como todo o fardamento militar português, é atribuída a uma forte influência francesa (Coelho, 2018). Segundo Pinto (2000), “corre em Sobrado uma referência que relaciona a festa da *Bugiada* com a guerra civil entre liberais e miguelistas, nos anos 30 do séc. XIX” (p. 16).

Todos os adereços que compõem os trajes são imprescindíveis para uma boa performance durante a apresentação. O espadim é um acessório que exige uma postura firme e decidida, ferramenta que auxilia os atores nas danças, “tem dimensão um pouco menor do que a espada e é utilizada por todos os Mouriscos. Incluído o Reimoeiro. Do copo do espadim pende um lenço branco” (Pinto, 2014, p. 6). Todos os integrantes do exército mouro utilizam praticamente os mesmos elementos, sendo que o diferencial está na composição do traje, na qual a hierarquia é respeitada e distingue o rei do seu exército. O rei mouro possui mais quantidade de correntes, assim como a banda cruza dos dois lados, que é igualmente maior e mais adornada. Enquanto o exército só utiliza uma banda de um lado e correntes em menor quantidade do outro. O mesmo ocorre com as plumas das barretinas, o rei possui mais plumas que as do seu exército.

Bugiada

Do outro lado da Festa de São João de Sobrado, temos o exército dos bugios (representando os cristãos). Este grupo pode chegar aos 500 participantes, sem restrição de idade e género. Apresentam-se mascarados em trajes amplos com capas e muita cor, tal como refere Pinto (2000): “é fácil impressionar as gentes com trajes, danças e costumes tão coloridos e exóticos” (p. 19; Figura 9).

“Do outro lado da Festa de São João de Sobrado, temos o exército dos bugios (representando os cristãos)”

Bekia Motta e
Emília Araújo



Figura 9
Bugios.
Créditos. Luís António Santos.



A formação deste exército também conta com um par de guias, que vão à frente, e um par de rabos, os últimos do grupo. Estes são os pares de confiança do velho da Bugiada, seu líder. É obrigatório o uso de máscaras por todos. De forma descontraída e alegre, quem compõe a Bugiada interage com o público enquanto performa ao som de violinos e violas, seus trajes multicolores, amplos e fluidos, harmonizam com as danças e as músicas durante toda a apresentação.

Chamam à atenção pelos diferentes sons que produzem ao correr desordenadamente em movimentos expansivos, na lateral de seus calções levam presos guizos (objeto metálico com uma abertura que contém dentro uma bola maciça, que ao agitar produz um som semelhante a um chocalho), nas mãos castanholas, que servem “como forma de expressão e para marcar ritmo de algumas danças” (Pinto, 2014, p. 3; Figura 10), menos o velho da Bugiada que não utiliza este elemento.

As cores vibrantes dos trajes dos bugios são marcadas pela predominância do vermelho, conjugado com outras cores primárias como o verde, o azul e o amarelo, formando um “esquema” de quebra-cabeça estratégico a partir destas cores e dos “cortes geométricos” que se unem cosidos no estilo *patchwork* (pedaços de tecidos de

Figura 10
Guizos.
Créditos. Alberto
Fernandes.

Figura 11

Trajes dos bugios.
Créditos. Bekia Motta.

**Figura 12**

Trajes dos bugios.
Créditos. Bekia Motta.



cores ou padrões diferentes cosidos uns nos outros), o que ocasiona a exclusividade de cada traje. Outro importante detalhe está nos acabamentos das peças, que são trabalhadas intensamente com aplicações de rendas, franjas, estrelas e galões; o dourado predomina nestes adornos (Figura 11 e Figura 12).

Ao que consta, os trajes dos bugios também se mantiveram em sua estrutura e estética tradicional, porém, assim como os dos mouriscos, algumas alterações foram identificadas. No que diz respeito aos tecidos, aos padrões e às cores, temos a informação de que o veludo foi “adotado” como tecido oficial dos bugios há, pelo menos, 30 anos, antes eram confeccionados em cetim em tons coloridos. De acordo com um dos participantes da festa: “antigamente faziam quase tudo em cetim porque era mais barato e o cetim é uma coisa muito bonita porque onde bate o sol, brilha” (Entrevista, 2018).

Uma das descrições mais antigas do exército bugio foi feita por Rodney Gallop (1936/1961, como citado em Associação São João de Sobrado, s.d.) numa visita à festa de Sobrado, em 1932, que nos proporciona um interessante exercício de regresso a quase cem anos atrás:

o rei dos Bugios o único que não ia mascarado, posicionava-se no centro. Usava uma barretina alta e emplumada e um manto eclesiástico de rico damasco encarnado debruado a ouro, com uma dobra sobre os ombros (foi-nos dito que o Rei Bugio tem um privilégio que consiste em poder escolher o seu vestido de entre as vestes ou adereços da igreja). Enquanto os seus seguidores saltavam desajeitadamente nos seus lugares, o rei convocava, à vez, cada um dos pares e mediante os gestos balanceados de um nigromante parecia transmitir-lhes perversas e secretas ordens. De seguida ligeiramente os braços e as mãos, despendia aquelas figuras meio encolhidas. Uma volta e um salto colocavam-nos no fim da fila. (para. 9)

O traje usado na Bugiada inclui máscaras com aplicações de folhos, brancos ou vermelhos, o gibão (casaca), capa sobre os ombros na parte da manhã e à tarde sob um dos braços, faixa na altura da cintura, calção com aplicação de dois guizos fêmeas e dois machos na lateral, meias coloridas, lenço de seda/cetim no pescoço, chapéu revestido de tecido de abas largas com penachos em fitas de papel coloridas, castanholas numa das mãos e na outra um martelo e luvas brancas (Figura 13 e Figura 14).

O Velho da Bugiada

O traje do Velho da Bugiada destaca-se por ser um manto, utiliza-se das dragonas e contem duas máscaras ao longo da festa, de manhã uma alegre e à tarde uma com expressão trágica. As bandas em veludo vermelho se cruzam no peito e no entorno da cintura é amarrada uma corda branca com franjas douradas nas pontas. Na cabeça, a barretina cilíndrica, que diferentemente da utilizada pelo reimoeiro, termina em formato de bico, com penachos no topo. O rei dos bugios não leva nada em suas mãos.

O primeiro manto, datado da década de 50, foi confeccionado a partir de uma cortina de veludo em tom de vermelho, e, desde que se sabe, a cor sempre foi esta. Para que servisse nos velhos, era amarrado pela banda e alfinetado ao corpo. Um dos participantes da festa nos conta que:

Figura 13

Exército dos bugios.
Créditos. Luís António Santos

**Figura 14**

Ilustrações dos bugios e
do velho da Bugiada
Créditos. Bekia Motta.





no ano de 92, foi feito o segundo manto, este já sob medida para o velho daquele ano, mas já no ano seguinte foram necessárias modificações para ajustar as medidas do próximo velho, depois no ano a seguir ficava mais curto para o próximo. (Entrevista, 2018)

Entre os anos 1994/1995, surgiu a possibilidade de cada Velho da Bugiada poder confeccionar o seu próprio traje. Com a melhoria considerável da situação económica na vila de Sobrado, os líderes dos bugios podiam recorrer ao seu alfaiate de confiança para fazer o seu próprio manto sob medida, com a condição de seguirem as tradições e o padrão estético do primeiro manto original. Como nos conta um dos residentes de Sobrado: “começaram a fazer aos seus olhos, mas sem esquecer as origens” (Entrevista, 2018; Figura 15).

Figura 15
Velho da Bugiada em 2019.
Créditos. Alberto Fernandes.

O primeiro e o segundo mantos do Velho da Bugiada estão expostos no Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada (Figura 16).

Considerações Finais

A cultura é expressa em artefactos e elementos que configuram sentidos para a comunidade e que constituem elementos indispensáveis à performance festiva (Minhus & Huie, 2021). Neste texto muito breve, procuramos sobretudo descrever os principais contornos de alguns trajes principais da festividade Bugiada e Mouriscada. Ainda que o estudo não seja aprofundado e não tivesse havido possibilidade de estudar de forma mais abrangente o envolvimento da comunidade com todo o processo de design, confecção e uso do traje, foi possível tornar mais evidente esta ligação intrínseca entre elementos materiais e a configuração e identidade da festa em estudo. Sob este prisma, tornou-se mais claro também como o traje se apresenta enquanto elemento substancial de comunicação desta manifestação popular, revelando a identidade cultural desta festa e de sua comunidade. Tal, atendendo a que sendo um “traje” funciona como elemento organizador do ritmo da comunidade e serve como elemento fundamental na “separação” da festa como produção da comunidade. Com a intenção de incitar à discussão sobre este tema, compreende-se que

“A cultura é expressa em artefactos e elementos que configuram sentidos”

Minhus e Huie (2021)



Figura 16
Mantos do Velho da Bugiada expostos no Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada.
Créditos. Bekia Motta.

dada a escassez de estudos específicos sobre os trajes da Bugiada é necessário que se aprofunde em futuros estudos a evolução deste elemento, dando sequência ao que foi iniciado neste trabalho.

Agradecimentos

Para a realização deste trabalho foram imprescindíveis as participações de todas as pessoas que forneceram informação, em especial Doutor Paulo Moreira, Senhor Pinto e sua família.

Este texto decorre, em parte, da investigação realizada no âmbito do projeto “FESTIVITY – Festa, património cultural e sustentabilidade comunitária. Investigação e comunicação no caso da Bugiada e Mouriscada de Sobrado”, Ref. PTDC/COM-CSS/31975/2017.

Referências

Associação São João de Sobrado (s.d.). *Rodney Gallop- São João de Sobrado em 1932*. São João de Sobrado: Bugiada e Mouriscada. Retirado a 28 de julho de 2022 de <https://saojoaosobrado.wordpress.com/bugiada-e-mouriscada/referencias-historicas/rodney-gallop-sao-joao-de-sobrado-em-1932/>

Balandier, G. (1999). *O poder em cena* (A. Moreira, Trad.). Minerva. (Trabalho original publicado em 1980)

Baldini, M. (2006). *A invenção da moda: As teorias, os estilistas, a história* (S. Escobar, Trad.). Edições 70. (Trabalho original publicado em 2005)

Barnard, M. (2003). *Moda e comunicação* (L. Olinto, Trad.). Rocco. (Trabalho original publicado em 2002)

Câmara Municipal de Valongo. (2016). *Bugios e mourisqueiros*. https://www.cm-valongo.pt/uploads/writer_file/document/621/Panfleto_Bugiada.pdf

Coelho, S. V. (2018). O combatente português da grande guerra - Fardamento e equipamento. In A. P. Lousada & J. S. Rocha (Eds.), *Portugal na 1ª Guerra Mundial - Uma história militar concisa* (pp. 199–228). Comissão Portuguesa de História Militar.

Embry, E. (2018). *The art of the dress: How getting into costume affects an actor's self-perception* [Tese de honra, The University of Southern Mississippi]. Aquila. https://aquila.usm.edu/honors_theses/559/

Linke, P. P. (2013). A moda, a indumentária, o traje popular e o figurino. In *Anais do VI Congresso Internacional de História* (pp. 1–12). <https://doi.org/10.4025/6cih.pphuem.188>

Merlo, M. (2016). Traje de tradição: Elementos da contemporaneidade na cultura de rua. *Moda Palavra e Periódico*, 9(18), 57–71. <https://doi.org/10.5965/1982615x09182016057>

Minhus, S. M., & Huie, L. (2021). The tendency of traditional costume at heritage festival for cultural revival. *SAGE Open*, 11(2), 1–11. <https://doi.org/10.1177/21582440211016905>

Pinto, M. (2000). *A Festa da Bugiada: O S. João em Sobrado – Valongo*. Casa do Bugio.

Pinto, M. (2013, 12 de junho). Quais são alguns dos desafios que a Festa de S. João de Sobrado enfrenta. *Bugios e Mourisqueiros*. <http://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2013/06/>

Pinto, M. (2014). *Dicionário de termos e expressões sobre a Festa da Bugiada e Mouriscada* [Manuscrito não publicado]. Centro de Estudos e Sociedade.

Stefani, P. (2005). *Moda e comunicação: A indumentária como forma de expressão* [Trabalho de conclusão de curso de graduação, Universidade Federal de Juiz de Fora].

Turner, V. (1982). *From ritual to theatre: The human seriousness of play*. PAJ Publications.

Turner, V. (1986). *The anthropology of performance*. PAJ Publications.